

LETRAS E LETRADOS 4

O Dia – 01 de maio de 1937.

Nicolas Berdiaeff - CINQ MÉDITATIONS SUR L'EXISTENCE - Plon

Chamam comumente o escritor Berdiaeff de filósofo. Não sei ao certo se o é, na verdade. O fato, porém, é que entre Berdiaeff e o mundano Keyserling, também chamado de filósofo, a distância não é nada pequena. O criador do mito da nova “idade média” traz incontestavelmente consigo uma vantagem fundamental: vai pela investigação do “ser” aos últimos problemas da existência, busca no agitar do tempo presente a finalidade de nossa vida, a finalidade profunda e superior. São autênticas reflexões sobre a vida humana, reflexões de quem enxerga a vida de perto, sem deformações nem falsidades.

Augusto Messer que, dos modernos, dos nossos contemporâneos, quero dizer, escreveu a melhor história da filosofia, inspirada no plano de análise fundamental de Rickert, esqueceu Berdiaeff, por um lapso deveras lamentável. O distinto ensaísta russo está no centro da filosofia atual, ao lado de Spengler, de Husserl, de Max Scheler ou Eucken. Não há dúvida que, apesar de estar no centro de nossas elevadas cogitações intelectuais, não é nada fácil situar o autor de “L’Homme et la Machine”. Berdiaeff não está e nunca esteve agarrado a escolas. Foi sempre um livre, do domínio das idéias puras. Pode não ser um filósofo, mas

o que escreve fora dos quadros normais da especulação é filosofia e da melhor. Ele fala de cultura, porque, depois de Spengler, foi quem melhor divisou esse fenômeno. Vindo lá da Rússia asiática, esse ortodoxo cristão fala aos representantes do cartesianismo racionalista, mostrando que a verdadeira filosofia é aquela mais intelectualista que científica, menos apegada à ciência, mas perto do espírito e da pesquisa experimental.

O já citado Messer, como já o disse, parece haver esquecido ao nosso Berdiaeff. Acredito que Berdiaeff não ficaria mal ao lado de Hermann Schell, ao lado dos regionalistas confessionais. Um pouco neo-escolástico, isto porque é um homem que sabe manter melhor do que ninguém, no domínio da inteligência, as devidas distâncias, acha que a filosofia deve estar apegada ao princípio da revelação, bem perto do milagre divino, sem nunca desconhecer a imprescindibilidade do dogma. Se no passado ela lutou contra todo formalismo como crença, combatendo o mito e o ritual, hoje, como no tempo de Platão, o mito traduz o sentido das grandes conquistas interiores, conquistas do espírito no setor da existência humana. Todo idealismo alemão, Fichte, Hegel e outros, a filosofia racionalista científica orientada no sentido da ciência natural, está com Oswald Spengler e a filosofia orientada no sentido da ciência cultural, como Wildelband e o já falado Rickert colocam os fatores míticos, até os proféticos, no campo da especulação filosófica pura. Ainda, a chamada filosofia da vida, da intuição ou do “elan vital” a filosofia de Rathenau, Muller e Bergson, a filosofia oracular, do futuro, empresta aos seus adeptos, com a força de um pensamento mais abstrato que objetivo, a novidade de uma nova emoção.

Veja-se que Berdiaeff é tudo isso. Não distingue fatores objetivos dos subjetivos. Nem faz questão de distinguir. Para ele existem fatores vitais, neo-vitais e fatores contrários. Para Berdiaeff, “objetividade” ou “subjetividade” são preconceitos. Não é nada fácil sabermos quando saímos do campo “subjetivo” para penetrarmos o “objetivismo”. São estados de “conhecimento essencial” que se interpenetram, confundem-se no claro das grandes cogitações intelectivas. A fonte da filosofia real encontra-se, ao que mostra Berdiaeff, entre esses dois

estados, equidistante do que é “objetivo” e do que é “subjetivo”. Se por males tem passado a humanidade, esses males são devidos ao excesso crescente do pensamento humano ou para o objetivismo ou para o subjetivo. O que quer dizer que, nas épocas furibundas de crise social, o homem ou vira-se decisivamente para a realidade crua da existência ou fica na eterna contemplação. O fato de querer-se projetar o elemento objetivo aos nossos atos espirituais é quase um forçamento. Para Berdiaeff, a verdade tradicional e fundamental está no subjetivismo, para onde convergem todas as forças emocionais, intelectuais e mesmo materiais. A totalidade das energias humanas nada tem a ver com esse mundo exterior que nos rodeia. Nos arcanos da inteligência está a realidade integral da vida do homem, da existência, etc. A permanência de um conhecimento emocional produz a seriação enorme de valores que caracteriza o mundo em que vivemos. Filosofia é o que vemos no cotidiano. Filosofia não é criação bonita de cérebros imaginosos. Filosofia é a própria existência, no sentido que emprega a essa palavra “existência” o pensador francês Henri Bergson. Sendo a existência o conhecimento das coisas e dos fatos, expressão de nossas atividades profundas, interiores, na luta aqui de fora com os elementos a cada momento oferecidos pela natureza bárbara e instintiva. E a finalidade máxima da filosofia não é outra que a de trabalhar o mais possível pela projeção contínua e dominadora da personalidade humana, através da razão, do real ou do irreal. Filosofia, esta é a lição de Bergson adotada por Berdiaeff, não é subordinação, tal como pensava Spengler, ainda impressionado com a reação estupenda do germanismo abafado. A personalidade não deve estar sujeita às imposições de ordem política ou econômica. Deve ter livre desenvolvimento, desde a fase contemplativa até a fase superior do conhecimento emocional, fase já de atividades exteriores concretas. Para Berdiaeff tudo é personalidade. É preciso não confundir pessoa com indivíduo. A personalidade tem um destino íntimo a realizar, tem fins que lhe são exclusivos. O indivíduo, ao contrário, é reflexo da personalidade. A personalidade é criadora dos valores culturais, dos valores das grandes civilizações, valores emocionais, heróicos, de hierarquia, etc.

No entender de Nicolas Berdiaeff, para alcançarmos a verdadeira existência, para toparmos com a fase do personalismo criador, somos obrigados a afastar de nossa vida as coisas e os objetos que formam o hábito, rompendo com o mundo que nos cerca. Só assim alcançaremos a liberdade suprema. A liberdade de viver uma existência própria, livre, intensamente criadora. Temos uma alma a alimentar com o sangue da nossa inteligência e uma alma indecisa ante o choque de mentalidade que caracteriza essa fase estupenda e angustiosa da cultura universal.

A obra de Berdiaeff é um drama extraordinário de rebeldia consciente. Fora das elucubrações técnicas, fora dos pesadelos trazidos pela máquina, vive numa estupenda vontade de renovação de valores. Acusaram-no de mórbido. De doentio como os seus compatriotas que fizeram a Rússia conhecida do mundo inteiro. É verdade que nele palpita o fatalismo cósmico do espírito asiático. Se existem elementos patológicos, eles não atuam, de fato, na análise calculada e na meditação inteligente.

Orminda I. Marques – A ESCRITA NA ESCOLA PRIMÁRIA
Comp. Melhoramentos de S. Paulo

Vem este livro prefaciado pelo professor Lourenço Filho. Diz ele, tratando da “escrita e da escola renovada”: “Na velha tradição escolar era assim: considerava-se a letra, feita e acabada, não o aprendiz que a teria traçado. A caligrafia era quase como uma arte autônoma, separada do conjunto das demais disciplinas. Havia as aulas de ‘escrever bem’. Os alunos deveriam produzir letra bonita, nessas aulas. Aí deviam eles grafar sem borrões, o talhe caprichado, as hastes bem arqueadas, as minúsculas floridas... A escrita comum, a dos exercícios das outras disciplinas, aquelas que as crianças viam também nas cartas, nos registros, nos documentos – essa era a ‘outra’, a deformada pelo uso, a ‘bastarda’... Aos poucos, com melhor compreensão do assunto, a opinião foi sensivelmente mudando. A escola virada para o lado social não podia estar apegada a esse horribilíssimo tecnicismo particularista, sem que a criança deixasse de perder, sem que a criança sofresse as mais visíveis desvantagens.

Tudo tem necessariamente o seu fim. Mesmo a arte de escrever. Escrever com arte é que não diz tudo. Foi o trabalho que empreendeu a sra. Orminda Isabel Marques na sua escola-laboratório do Instituto de Educação do Rio de Janeiro”. Tem muitíssima razão o professor Lourenço Filho: “Na verdade, o que mais impressiona neste trabalho... belo modelo de pedagogia experimental – não é apenas a paciente e sincera experimentação, que, por muitas vezes, tive ocasião de acompanhar, em suas minúcias. O que realmente impressiona, aos que estimam e procuram compreender as crianças, é a constante e vitoriosa intenção da autora em documentar que o ensino da escrita pode e deve ser ativo, isto é, apresentar-se em situação funcional, tal como o de outras disciplinas, que a renovação escolar já alcançou em cheio, reanimando-as em seus fundamentos e técnicas”.

Com os nossos hábitos mentais de civilizados, ensina Vendryes, não é nada fácil entendermos o problema da origem da escrita. Para isso, será necessário, quase, penetrarmos às épocas anti-históricas. “Enquanto a vida primitiva do homem se limitava a pequenos grupos isolados, quase sem contato com outros grupos, a comunicação verbal satisfazia completamente a seus mais próximos interesses. As atividades humanas circunscritas ainda à pesca, dentro dos limites naturais de suas terras, não exigem mais do que essa comunicação. Nas cerimônias religiosas, eram cantadas pelos mágicos e profetas as tradições históricas e religiosas. Com essas cerimônias, os jovens recebiam a iniciação do ritual místico e lhes eram ensinados os grandes poemas épicos. Os conhecimentos eram assim conservados pela tradição oral. Os registros dos antigos Vedas, contendo os dogmas religiosos e os códigos morais e leis da Índia, eram também transmitidos de geração a geração, por meio de poemas, cantados ou recitados. Os poemas de Homero, a *Ilíada* e a *Odisséia*, compostos nos primeiros tempos da Grécia, eram declamados pelo próprio Homero, diante dos jovens, nos quais se desejava despertar as mais delicadas virtudes. Na Germânia, na Gália, na Escócia, na Escandinávia, também os poetas, antes da escrita, pela palavra falada, procuravam perpetuar suas tradições”.

O trabalho da sra. Orminda Marques possui valor indeclinável, por ser dos únicos, a respeito do assunto, até hoje escrito entre nós. Vale pela orientação pedagógica, pela documentação histórica, pela experiência que nos traz da escrita das crianças das escolas do Distrito Federal, que mais de perto pôde observar.

Armando de Oliveira – CARVÃO DA VIDA – Novela
Livraria José Olympio Editora

O sr. Armando de Oliveira, até aqui, era unicamente conhecido como poeta dos bons da última geração de São Paulo. O seu livro de “Poemas”, publicado há mais ou menos um ano, revela grande temperamento poético e emocional.

Agora, surge-nos de improviso, com uma novela ligeira, meio freudiana, de enredo um tanto complicado e de mérito literário a calcular.

Livro fraco esse “Carvão da Vida”, para um poeta de tanto talento. Escrevendo bem, com loquacidade e desenvoltura, o sr. Armando de Oliveira bem que podia ter apresentado a crítica com algo de mais original.

No entretanto, trata-se de um moço, e de um moço inteligente. Veremos o que não virá atrás dessa curiosa experiência...